

# A Solidão como herança e destino inexoráveis: uma abordagem transgeracional e bioenergética da obra “Cem anos de solidão”

Cristina Maria Parra Barbosa<sup>1</sup> e,  
Périson Dantas do Nascimento<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Psicóloga clínica (CRP-06/98620), especialista em Psicologia Clínica e Analista Bioenergética pelo Instituto de Análise Bioenergética de São Paulo. Email: cristina\_parra@ig.com.br;

<sup>2</sup> Psicólogo Clínico e Psicoterapeuta Corporal. Doutor em Psicologia Clínica (Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP). Trainer e Analista Bioenergético (Certificad Bioenergetic Therapist – CBT) com Formação Internacional pelo Insituto de Análise Bioenergética de São Paulo (IABSP). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Membro da equipe docente da Formação Internacional em Análise Bioenergética do IABSP e da Formação Internacional em Psicoterapia Biossistêmica (Instituto de Psicologia Somática – Natal/RN); E-mail: Perisson.dantas@gmail.com

**Resumo:** O presente trabalho tem a proposta focalizar o tema referente à transmissão de conteúdos e experiências psíquicas entre gerações e sua correlação com a constituição caracterológica do indivíduo. Para isso, foi elaborada uma análise da obra Cem anos de Solidão, do Gabriel Garcia Márquez, sob a ótica da transmissibilidade transgeracional. A psicanálise desenvolveu teorias sobre a herança psíquica transmitida entre as gerações que ocorre por meio de processos inconscientes, influenciando na formação do ego e dos sintomas. Já as psicoterapias corporais voltaram-se para uma discussão sobre a influência dos genes no comportamento e na transmissão interpsíquica dos traços de caráter. Nesse sentido, constatamos a transmissão transgeracional de traços psicóticos através de conteúdos inconscientes encriptados e sua relação com a solidão oriunda a todos os personagens da trama. Verificamos que a transmissão da solidão (e da loucura) faz parte da constituição do ego de cada personagem, que irá moldar seu caráter e, conseqüentemente, um destino inexorável de repetição sintomática.

**Palavras Chave:** Transmissão psíquica geracional; Análise Bionergética; Psicanálise; Cem Anos de Solidão.

## Solitude as an inexorable heritage and fate: A transgenerational and bioenergetic approach of the book “one hundred years of solitude”

**Abstract:** This paper proposes to focus on the issue regarding the transmission of content and psychic experiences between generations and their correlation with the characterological constitution of the individual. For this, an analysis of the book "One Hundred Years of Solitude", by author Gabriel Garcia Marquez, was developed from the perspective of transgenerational transmission. Psychoanalysis has developed theories about the psychic heritage passed between generations that occurs through unconscious processes, influencing the formation of the ego and symptoms. Already bodily psychotherapies turned to a discussion of the influence of genes on behavior and interpsychical transmission of character traits. In this sense, we see the transgenerational transmission of psychotic features through encrypted unconscious contents and their relationship with loneliness derived all the characters in the plot. We found that the transmission of solitude (and madness) is part of the constitution of each character's ego that will shape their characterological defenses and consequently an inexorable fate of symptomatic repetition.

**Keywords:** Generational psychic transmission; Bionergetic Analysis; Psychoanalysis; One hundred years of solitude.

## Introdução

O presente artigo tem como proposta focalizar o tema referente à transmissão de conteúdos e experiências psíquicas entre gerações e sua correlação com a constituição caracteriológica do indivíduo. Como forma de ilustrar nosso raciocínio, foi elaborada uma análise da obra *Cem anos de Solidão*, do Gabriel Garcia Márquez, sob a ótica da transmissibilidade transgeracional.

O tema da transmissão psíquica entre gerações há muito tem despertado nosso interesse, sendo citado em algumas aulas durante a formação em Análise Bioenergética, mas nunca de forma muito profunda e sistemática. Seu estudo começou a se tornar mais relevante e presente a partir da leitura do romance *Cem anos de Solidão*, do Gabriel Garcia Márquez, a qual suscitou pensamentos e sentimentos que despertaram ainda mais o interesse em compreender a transmissão de conteúdos psíquicos entre gerações de um sistema familiar. Nessa obra, o autor relata a história de muitas gerações de uma mesma família, a estirpe dos Buendías, e explicita que diversos conteúdos psíquicos e constitucionais (sintomas, características corporais, maldições) de uma geração são passadas para outra que a sucede.

Elaboramos esse artigo a partir da análise de um fragmento da complexa trama da obra *Cem anos de Solidão*, tendo em vista que apresenta como trama central a transmissão de conteúdos psíquicos entre gerações e servirá como ponte de articulação entre a teoria e uma possível análise de uma obra de arte, já que podemos pensar na arte como representação do humano, fonte de reflexões e afetos que ampliam a nossa visão clínica. Assim, temos por objetivo introduzir o tema da transmissibilidade psíquica entre as gerações e sua influência na constituição genética do caráter, de forma a ampliar o olhar do terapeuta bioenergético na sua prática clínica, possibilitando entender a constituição do caráter e dos sintomas/sofrimento psíquico a partir da herança transmitida pelos seus antecessores.

## A Transmissão Psicocorporal da Psicose entre as Gerações: A Sina da Solidão nos Personagens de Gabriel Garcia Márquez

“...e mais uma vez estremeceu com a comprovação de que o tempo não passava, como ela acabava de admitir, mas girava em círculos” (MÁRQUEZ, G.G., p. 295).

Gabriel Garcia Márquez, ou Gabo, como era conhecido pelos amigos, nasceu dia 06 de março de 1928 na Colômbia, na Aldeia de Aracataca (que serviu de inspiração para a aldeia de Macondo, cenário do romance *Cem Anos de Solidão*). Com seu gênero literário denominado realismo fantástico, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1982 e é considerado um dos mais importantes escritores do

século 20. Sua obra prima, *Cem Anos de Solidão*, que é nosso objeto de estudo neste trabalho, foi publicado em 1967 e já foi traduzido em para 35 idiomas. O autor morreu recentemente, em abril desse ano, aos 87 anos, em sua casa no México.

O romance *Cem anos de Solidão* (*Cien Años de Soledad*, no original) conta a história da família Buendía durante os cem anos de sua existência em Macondo, o vilarejo que é palco desta obra. No livro, são apresentadas as 07 gerações da estirpe, desde a união da família Iguarán com os Buendías, conforme veremos na seguinte representação da árvore genealógica:

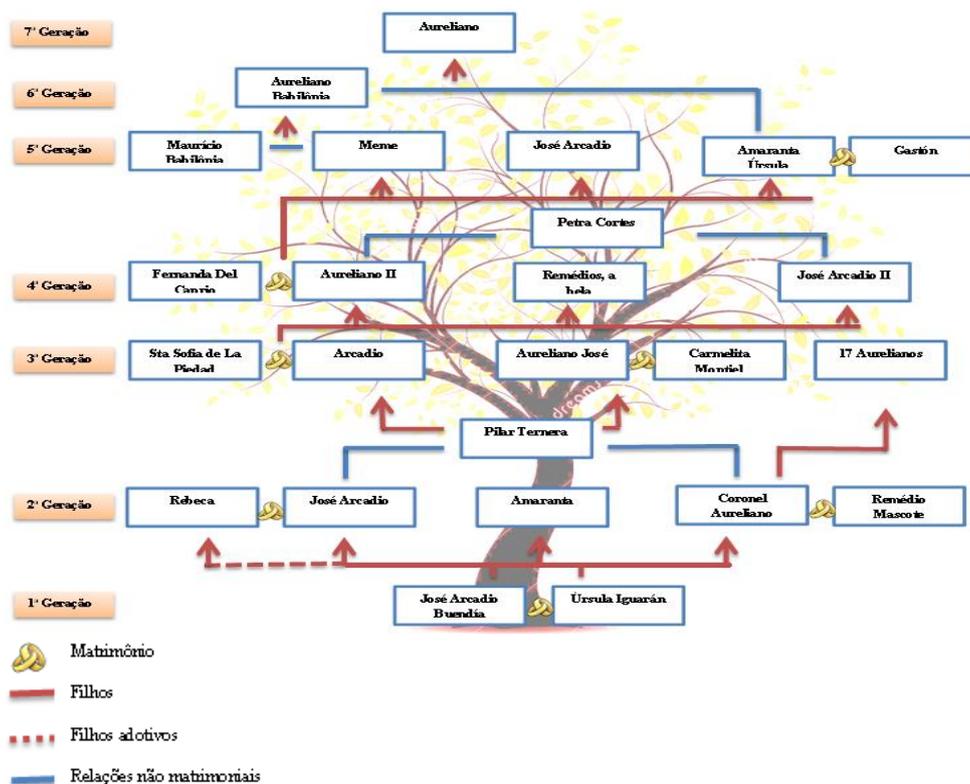


Figura 01: Árvore genealógica da família Buendía.

O estilo literário do autor, realismo fantástico, configura uma ótica caótica no texto e conduz leitor a uma confusão entre fantasia e realidade, que nos remete ao funcionamento psicótico, tema que será abordado neste capítulo. Além da questão da transmissão da loucura, iremos abordar outros pontos inerentes à problemática da transmissibilidade presentes no romance, como a transmissão da solidão, a premissa de um tabu e a configuração do Complexo de Édipo nos personagens.

Inicialmente, realizaremos um recorte que se centrará na transmissão geracional da loucura e posteriormente relacionaremos com a solidão, tema central que intitula a obra e é a grande característica da estirpe dos Buendías, e a falta de amor presente nos personagens. Para tanto, faz-se

necessário entender o funcionamento psicótico em um indivíduo e para isso nos apoiaremos nas premissas das teorias corporais. Para Navarro (1995), o núcleo psicótico é originado no período fetal ou nos dez primeiros dias de vida do bebê em decorrência da ausência de uma boa maternagem (ausência de contato, comunicação, calor, etc), em suma, por uma rejeição percebida pela criança no nível bioenergético, que já ocorre em decorrência de uma falta de acolhimento materno, de um útero “frio. Para este autor, há no psicótico um bloqueio no nível diafragmático, que é a sede do umbigo - que está relacionado com o cordão umbilical, com a placenta e com a transmissão energética da mãe para a criança - e do plexo solar, que é fonte de energia.

Reich (1948/1998) também elucida a correlação entre a dissociação esquizofrênica com o desenvolvimento pré natal e imediatamente pós natal; para ele, o processo de coordenação corporal do bebê é a base para o contato funcional dos órgãos e é apenas quando o bebê consegue se mover de forma ordenada que “as muitas percepções diferentes de si mesmo unem-se em *uma* percepção global do *self* que se move. Só então podemos falar de uma consciência totalmente desenvolvida” (p. 408). Assim, qualquer perturbação que possa ocorrer no processo de coordenação organísmica (dentro ou fora do útero) poderá ser considerada um ponto fraco na personalidade que, posteriormente sob a influência de condições emocionais, pode se estabelecer uma descoordenação esquizofrênica. Este autor ainda acrescenta que:

..o esquizofrênico não “Volta ao útero da mãe”. Na verdade ele se torna vítima exatamente *da mesma cisão na coordenação de seu organismo que sofreu quando se encontrava no útero indiferente e apático da mãe; cisão que se manteve durante toda a vida.* (p . 409)

A psicose pode ser caracterizada como uma falha na construção do “si mesmo”, ou self, em função de uma deficiência na construção do vínculo de apego e interação do bebê com seu meio externo, que resultará em uma desintegração entre a função energética, função sensorial e função tônica (Tonella, 2006). Por isso, podemos afirmar que o psicótico não tem um “eu” (Navarro, 1995), ou um ego construído solidamente, pois há uma cisão que ocorre no íntimo da personalidade, uma perda de contato com a totalidade ou parte do corpo e um desvio entre a personalidade e a realidade, que resultará assim em um sintoma denominado despersonalização. (LOWEN, 1977).

A partir do referencial teórico exposto acima, voltaremos nossa análise para o romance, onde se observa que alguns personagens, cada qual à sua maneira, nos levam a questionar se em algum momento eles também cindem com a realidade que os rodeia. Sem dúvidas, os delírios e figuras fantásticas que estão presentes durante o texto fazem parte do mundo de realismo fantástico de Gabriel Garcia Márquez. Porém, tomamos a liberdade, a partir dessa obra literária, para refletir sobre a loucura através do viés transgeracional, tomando como base esses elementos.

Constata-se que a primeira temática a ser transmitida na história dos Buendías está relacionada aos traços psicóticos e, para elucidar melhor este ponto, começaremos este estudo a partir da base da árvore genealógica da família, com os fundadores da estirpe: os personagens Úrsula Iguarán e José Arcadio Buendía.

A matriarca Úrsula releva em um trecho do livro a sua confirmação deste fato: “‘Todos são assim’, disse ela sem surpresa. ‘Loucos de nascença’”. (p. 166). Há, na história dos antepassados desta personagem, um componente genético psicótico que atravessa as gerações desde o tempo de sua tataravó; esta mulher, por volta do século XVI, se assustou com os tiros de canhão de um pirata inglês e:

...perdeu o controle dos nervos e se sentou num fogão aceso. As queimaduras converteram-na numa esposa inútil para toda a vida (...). Renunciou a todo tipo de hábitos sociais, obcecada pela ideia de o seu corpo desprendia um cheiro de coisa chamuscada... (p. 24)

Ela também não mais dormiu com receio de que os ingleses voltassem para torturá-la e então seu marido resolveu que deveriam se mudar para longe do mar, a fim de fugir dos pesadelos da mulher. Estabeleceram-se em uma encosta da serra, onde construíram um quarto sem janelas para que ela pudesse se sentir segura.

Nesta cena, podemos interpretar que o canhão dos piratas pode ser simbolicamente entendido como um símbolo fálico, que levou a tataravó a sentar no fogo, “queimando” assim toda a sexualidade genital. Provavelmente, a fantasia dela era que os ingleses iriam torturá-la – podemos inferir, sexualmente. O quarto sem janelas pode ser comparado ao quarto da loucura, a um quarto de manicômio ou a uma cela que tem por objetivo prender a loucura em si própria. Este episódio, como todos seus componentes incrustados, principalmente no tocante à sexualidade, foi repassado para as gerações posteriores e iremos, em breve, entender sua repercussão nos seus descendentes.

Ao que concerne ao outro personagem da base da árvore genealógica, o patriarca José Arcadio Buendía, entende-se que ele desenvolve um surto psicótico. No final de sua vida, julgado louco por sua família, em meio a um “delírio perpétuo do qual não voltou a se recuperar” (p.73) é amarrado no castanheiro do quintal, onde construíram uma pequena cobertura de sapê para protegê-lo do sol e da chuva. José então passa a falar em uma língua estranha, que depois o Padre Nicanor desvendou ser latim. Salienta-se que o autor, muitas vezes, levanta a dúvida de que, muito provavelmente, José fosse um gênio mal compreendido ao invés de louco. Na passagem destacada abaixo é retratado um diálogo entre ele e o Padre, debaixo do castanheiro, que exemplifica esta sensação:

Cada vez mais assombrado com a lucidez de José Arcadio Buendía, perguntou-lhe como era possível que o mantivessem amarrado numa árvore:

- *Hoc est simplicissimum* – respondeu ele: - porque estou louco.  
Desde então, preocupado com sua própria fé, o padre não voltou a visitá-lo...(p.80)

Após um tempo, Úrsula o desamarra da castanheira, mas ele continua inerte sentado em seu banquinho, criando fungos, até que um de seus filhos intui sua morte e então o levam para o quarto (e o amarram na cama, pois caso contrário ele voltaria para o castanheiro); nesse período ele se reconcilia com o fantasma de Prudêncio Aguiar e dias depois o encontram falecido.

Aqui se faz necessária uma pausa para expor a primeira constatação relacionada à transmissão da loucura. Entendemos que *há transmissão de traços psicóticos na árvore genealógica tanto no tocante à linhagem de Úrsula Iguarán* (desde a história de sua tataravó) *quanto à linhagem de José Arcadio Buendía* (que entrou em surto psicótico ao final da vida). Ressaltamos então que há a transmissão do gene da loucura através da hereditariedade, que pode ser análogo ao processo de transmissão de temperamento descrito no segundo capítulo deste trabalho e através dos diversos sintomas e comportamentos psicóticos dos personagens, criando uma herança desse padrão desorganizado do ego que vai sendo arrastada de geração à geração.

Pela leitura da obra, podemos inferir que Úrsula, a matriarca, desenvolveu traços de caráter rígido, e intuimos que tal rigidez também foi impressa em seu útero durante suas gestações: não se tornou uma mãe amorosa, assim como José Arcadio Buendía não se fez pai amoroso. Não há amor ou afeição permeando os laços desta família, ao contrário, há apenas a dureza da sobrevivência e, considerando a teoria exposta no início deste capítulo que revela a influência uterina da mãe com o bebê, assim como a importância de seus primeiros dias de vida para a organização egóica, deduzimos que logo no início da estirpe há, além da hereditariedade genética, um ambiente propício para o desenvolvimento de defesas de caráter primitivas para lidar com rejeição e falta de acolhimento dos pais.

Antes de continuarmos explorando este assunto, faremos uma breve análise entre a genialidade e a loucura encontrada no personagem do patriarca, pois a relação entre estes dois pontos já havia sido discutida por Reich (1948/1998); para ele:

O psicótico também é profundamente absorvido pelas forças vitais internas; ele as escuta da mesma forma que o gênio. Mas a diferença é grande: a partir desse contato com suas forças, o gênio produz grandes e duradouras obras; o esquizofrênico embarça-se nelas, porque está *cindido* e as teme, e não está unido a sua bioenergia, como é o caso da estrutura humana criadora. Mas a expressão dos *olhos* é profunda em ambos os casos, e não é superficial, vazia, sádica ou embotada, como nos caracteres neuróticos, que não têm nenhum contato com a sua bioenergia (p. 395).

Aqui encontramos a correlação entre loucura e genialidade, mas principalmente a diferença entre ambas; José Arcadio Buendía, em nossa análise, se perdeu em meio suas percepções, tal como

acontece em em um estado psicótico em meio às suas descobertas científicas, alquimias, mistérios não revelados, em síntese, um mundo muito enigmático que ele começou a desenvolver em seu laboratório.

Voltando ao ciclo de transmissão transgeracional, salienta-se o fato de que os filhos comumente recebem seus nomes das gerações precedentes (conforme pode ser observado na árvore genealógica no início deste capítulo): Josés, Josés Arcadios, Arcadios e Aurelianos todos são marcados pela história que foi escrita antes de suas concepções e carregam em sua identidade o peso de ser um Buendía e o peso da solidão. Acrescenta-se que, nesta obra, o nome (que simbolicamente representa aquilo que se ganha dos pais) está estritamente ligado à personalidade de cada personagem, conforme o trecho abaixo:

Na longa história da família, a tenaz repetição dos nomes permitiria que ela tirasse conclusões que lhe pareciam definitivas. Enquanto os Aurelianos eram retraídos, mas de mentalidade lúcida, os Josés Arcadios eram impulsivos e empreendedores, mas estavam marcados por um signo trágico... (p. 165-166)

E foi assim até o nascimento dos gêmeos, José Arcádio Segundo e Aureliano Segundo (pertencentes à quarta geração); eles receberam pulseiras com seus nomes no batizado, para que a família pudesse diferenciá-los, mas em algum momento na infância, trocaram as tais pulseiras e desde então, não foi possível mais distingui-los com certeza. Anos mais tarde, os dois morreram no mesmo instante e foram sepultados em túmulos trocados.

Interpreta-se aqui que o processo de transgeracionalidade não deixa espaço entre os sujeitos para que haja diferenciação entre eles e uma vez que sabemos que a estrutura egóica do indivíduo se forma a partir de seus impulsos primários modificados pelo mundo externo, essa não diferenciação fará com que o ego, ou o “eu” segundo Lowen (1977) também não encontre espaço para se constituir de forma organizada. Como sabemos, a construção do caráter se dá a partir da constituição do ego, e tem como função defendê-lo dos impulsos internos e das ameaças externas.

Neste sentido, podemos entender que o ego dos personagens da família Buendía se consolidou, primeiramente, através da transmissão transgeracional da loucura e em seguida pelo nome de cada personagem, que, segundo a premissa freudiana, pode ser considerado uma escolha narcísica inconsciente dos pais para a propagação e imortalidade de seu próprio ego. É apenas a partir daí que cada Buendía, de acordo com a época em que nasceu e da configuração familiar regente, irá desenvolver uma estrutura caracteriológica particular. Neste sentido, entendemos no decorrer do livro que cada personagem se constrói de maneira singular, menos ao que diz respeito ao sentimento de solidão e as características relacionadas ao nome recebido, como podemos notar no trecho abaixo sobre a descrição dos dezessete Aurelianos, filhos do Coronel Aureliano José:

Trouxeram crianças de todas as idades, de todas as cores, mas todos varões, e todos com um ar de solidão que não permitia por em dúvida o parentesco. (p. 138)

A estirpe Buendía nasce com algumas marcas que os distinguem de outras famílias, sendo a mais forte delas a solidão, que está presente na descrição de todos os personagens. O autor não faz grandes explicações sobre a solidão em si, apenas descreve que ela existe na alma de cada um. Entendemos assim que mesmo sendo este um sentimento comum a todos na família, não é possível desvendar de onde ele vem: a solidão que nasce e morre com os Buendías é passada de geração em geração através de transmissão psíquica geracional. Relembramos aqui Kaës (2001) que explica que nesse processo o passado não pode ser representado e o indivíduo sofre sem ao menos saber o porquê de suas angústias e é justamente este lugar que a solidão ocupa nos personagens pertencentes aos cem anos desta linhagem.

A solidão, nesta obra, está estritamente conectada com a loucura, uma vez que no quadro psicótico há uma despersonalização, uma perda de contato com a realidade e uma cisão na parte mais profunda da personalidade (Lowen, 1977). Podemos pressupor que em um quadro psicótico o indivíduo, ao perder contato com sua realidade interna e externa, encontra-se, em última instância, com a sua solidão. Neste ponto, podemos conjecturar que a solidão vivida internamente por todos da família Buendía pode ser considerada um emergente de um cerne psicótico encriptado e transmitido de forma inconsciente através das gerações. Tal pressuposição ganha força quando lembramos que, embora todos os personagens sentissem a solidão, não é possível significá-la, tornando-se uma maldição inexorável, um destino impossível de ser mudado, por mais que existisse tentativas individuais dos personagens de diferenciar-se e quebrar esse ciclo compulsivo de repetição.

Dando ênfase à esta interpretação, Tonella (2006) escreve que no psicótico a “desadaptação relacional resultante o faz viver num estado de angustia e de solidão extremos.” (p. 2); Navarro (1995) também relaciona a solidão com o distúrbio psicótico quando diz que:

É enorme o sofrimento de quem não tem a possibilidade de entrar realmente em contato com o outro, de comunicar, de expressar-se. O medo obriga-o fechar ainda mais em si mesmo, até sentir-se numa situação de pânico extremo, que definimos como angústia psicótica ( p. 45)

Assim constatamos uma relação entre a psicose encriptada e transmitida transgeracionalmente e a solidão como emergente na formação egóica dos personagens. Neste sentido, Enriquez (2001) cita Laplanche para elucidar a transmissão transgeracional através das criptas como:

Mensagens que são propostas e assaltam a criança por todos os lados de significantes enigmáticos. Enigmáticos não só porque a criança não possui seu

código e terá que adquiri-lo, mas porque o mundo adulto está totalmente infiltrado de significações inconscientes e sexuais cujo o código o *próprio adulto* não possui. (Laplanche, 1984, *apud* Enriquez, 2001).

Este é o caso, por exemplo, da história do surto psicótico da tataravó da matriarca, atrelado a todos seus significados sexuais; a força deste episódio foi transmitida a todos da estirpe, sem ao menos ser contada e significada, não dando espaço para a elaboração psíquica.

Acrescido ao enredo da transmissão da loucura e da solidão há a temática de um tabu que permeia o inconsciente da estirpe; sobre isso, revela-se que personagens Úrsula Iguarán e José Arcadio Buendía, os fundadores da estirpe, “estavam ligados até a morte por um vínculo mais forte do que o amor: uma dor comum de consciência. Eram primos entre si.” (p. 24). No início da história, esse casal vivia assombrado pelo prenúncio de que seus filhos nasceriam com uma cauda cartilaginosa em forma de saca-rolhas com pêlo nas pontas, como um rabo de porco, devido as seus laços consanguíneos. Em função desta possibilidade, Úrsula recusou-se a consumir o casamento e a vizinhança começou espalhar o boato de sua virgindade era devida a uma suposta impotência de seu marido. Certo dia, em uma briga e em função deste rumor disseminado entre os conhecidos, José Arcadio Buendía mata um homem, Prudêncio Aguiar, em um duelo de honra. Nesta mesma noite, o casal consome o casamento e a partir destes acontecimentos, passam a ser assombrados pelo fantasma de Prudêncio até mudarem de vilarejo.

Entendemos aqui que o tabu está associado a relações incestuosas e tem como consequência, ou maldição, o nascimento de um filho com rabo de porco; deteremos-nos neste tema a partir de agora.

Em primeiro lugar, é importante resgatar a história da tataravó de Úrsula que teve, em nossa interpretação, sua sexualidade genital “queimada” ou, em outras palavras, suprimida e que o tal temor pelos canhões dos ingleses (suas próprias pulsões sexuais) deve ter sido transmitido para as mulheres das outras gerações, incluindo Úrsula. Outro ponto importante é o fato de que a relação incestuosa entre Úrsula Iguarán e José Arcadio Buendía realmente foi concretizada na *fantasia* destes personagens, que se tornam temerários de serem amaldiçoados com um filho com rabo de porco. Destaca-se a importância de que, a partir de então, as relações incestuosas se presentificam em muitas gerações precedentes.

Analisando a árvore genealógica da família em sua ordem cronológica, detectamos logo na segunda geração questões de ordem incestuosas na relação de Úrsula com o primogênito, José Arcadio. Isto nos é suscitado no trecho destacado abaixo, quando Úrsula o vê nú, como um homem, e revive seus temores sexuais iniciais:

Enquanto seu pai só tinha corpo e alma para o laboratório, o voluntarioso primogênito, que sempre fora grande demais para a sua idade, converteu-se num adolescente monumental. Mudou de voz. O buço povoou-se de uma penugem

incipiente. Certa noite, Úrsula entrou no quarto quando ele tirava a roupa para dormir, e experimentou um confuso sentimento de vergonha e piedade: era o primeiro homem que via nu, além de seu marido, e estava tão bem equipado para a vida, que lhe pareceu anormal. Úrsula, grávida pela terceira vez, viveu de novo seus terrores de recém-casada. (p. 28)

José Arcádio que, felizmente como seus irmãos, não nasceu com rabo de porco, também teve que lidar com seus impulsos edípicos em sua primeira relação sexual, que aconteceu com uma colega de sua mãe, Pilar Ternera:

...numa escuridão insondável em que lhe sobravam os braços, e até onde não cheirava mais a mulher, mas a amoníaco, e onde tentava se lembrar do rosto dela topava com o rosto de Úrsula, confusamente consciente de que estava fazendo algo que há muito desejava que se pudesse fazer, mas que nunca havia imaginado que realmente se pudesse fazer, sem saber como estava fazendo porque não sabia onde estavam os pés e onde a cabeça, nem os pés de quem e a cabeça de quem, e sentindo que não podia aguentar mais o ruído glacial de seus rins e o ar do seu intestino, e o medo, e a ânsia aturdida de fugir ao mesmo tempo de ficar para sempre naquele silêncio exasperado e naquela solidão terrível (p.30)

Pilar tem um filho de José Arcadio e nesse momento ele foge com ciganos, voltando para Macondo apenas anos mais tarde, onde se apaixona e se casa com sua irmã adotiva (e parente consanguínea), Rebeca. No dia de sua morte, seu sangue em formato de fio, percorre toda Macondo, até chegar à casa de sua mãe (que não conversava mais com ele desde o casamento), com o intuito de lhe dar a notícia, demonstrando assim, provavelmente, a forte relação mãe-filho.

Há também relações triangulares na segunda e quarta geração, onde uma mesma mulher fica com dois irmãos, que nos remete ao tema do Complexo de Édipo, que será abordado posteriormente. Destaca-se que a sexualidade no vilarejo de Macondo é vivida muitas vezes de forma libertina e desconexa, pois estamos falando de personagens que se estruturaram a partir de um cerne psicótico e não puderam constituir seu ego de forma saudável e, portanto, não puderam consolidar limites e contornos no que diz respeito a experiência sexual.

Encontramos ainda na segunda geração uma relação incestuosa (e abusiva) entre Amaranta e seu sobrinho Aureliano José, conforme elucidado no trecho abaixo:

“Desde bem garoto tinha o costume de abandonar a rede para amanhecer na cama de Amaranta (...) Certa madrugada, na época em que ela recusou o Coronel Gerineldo Márquez, Aureliano José arcodou com falta de ar. Sentiu o dedos de Amaranta como uns vermezinhos quentes e ansiosos que procuravam seu ventre...” (p. 131)

Atenta-se neste momento que os personagens que formam o último casal da estirpe carregam os mesmos nomes que os personagens desse abuso: *Amaranta* Úrsula se relaciona também com seu *sobrinho*, *Aureliano* Babilônia e juntos dão a luz ao último Buendía da estirpe. Percebe-se claramente

neste caso, como uma história de abuso acontecida há muitas gerações é transmitida, através de uma cripta, e molda o destino e a história dos personagens finais.

Examinando tais relações incestuosas, certificamos que a transmissão de traços psicóticos é geneticamente reforçada, uma vez que nos relacionamentos entre pessoas da mesma família (portanto herdeiras da mesma corrente genética) tais genes podem ganhar força ao serem passados adiante. Neste sentido, podemos interpretar que a lei que proíbe o casamento entre pessoas de uma mesma família pode ser considerada um artefato psíquico inconsciente que impele a uma fuga da maldição transgeracional da herança genética.

Outro paralelo que é possível traçar entre o romance e a teoria diz respeito ao postulado edípico, pois podemos estabelecer uma relação entre o patriarca José Arcadio Buendía e o herói da tragédia grega. Conforme explanado anteriormente, destaca-se na obra uma realidade fantasiosa que é construída a cada página e é possível acompanhar a cadência de eventos que fazem com que o patriarca José Arcadio Buendía se torne cada vez mais insano e desconectado de seu mundo real. É concebível realizar uma comparação deste personagem com Édipo, pois ambos (dentro de uma análise simbólica) infringiram a lei (Édipo mata seu pai e se casa com sua mãe e José Arcadio Buendía pratica incesto fantasiosamente), e assim, não tiveram o aval, ou seja, os instrumentos necessários, para se manterem na esfera neurótica das relações: Édipo fura seus olhos e assim fica incapacitado de ver a realidade à sua volta e José Arcadio Buendía entra muitas vezes em quadros psicóticos que o impede de decodificar o mundo real ao seu redor, para desespero de sua esposa.

Esta correlação é observada também no dia do falecimento de José Arcadio Buendía, quando Macondo foi surpreendida por uma chuvinha de minúsculas flores amarelas:

“Tantas flores caíram do céu que as ruas amanheceram atapetadas por uma colcha compacta, e eles tiveram que abrir caminho com pás e ancinhos para que o enterro pudesse passar” (p.129)

E assim, tal como Édipo em sua história, o patriarca também foi “banido” no final de sua vida (Édipo vaga por terras estranhas e José Arcadio Buendía divaga em si próprio, amarrado ao castanheiro) e ambos tiveram sua redenção após a morte: Édipo é acolhido e saudado pelos deuses e José Arcadio Buendía, chamado de rei no dia de sua morte, é acolhido e saudado pela chuva de flores, que, podemos interpretar como um fenômeno místico, quase religioso.

Assim como na tragédia edípica, há no romance uma profecia que rege o destino da estirpe e que foi escrita por Melquíades, um cigano corpulento, descrito no romance como um homem de barba rude e mãos de pardal, com uma aura misteriosa, mas com um peso humano. Este personagem aparece no começo da obra, envolto em experiências de alquimia, em pergaminhos escritos em uma língua não conhecida e em descobertas que encontrava em suas andanças. José Arcadio Buendía ficava extasiado

com as histórias e objetos trazidos pelo cigano e com o passar do tempo, tornaram-se bons companheiros. Porém, ninguém nunca soube que os pergaminhos de Melquíades professavam a história dos Buendías até que Aureliano Babilônia, pertencente à penúltima geração, consegue decifrá-los:

“... agora sabia que nos pergaminhos de Melquíades estava escrito o seu destino (...) Era a história da família, escrita por Melquíades inclusive nos detalhes mais triviais, com cem anos de antecipação...” (p.363)

Podemos deduzir, a partir dessa passagem, que existia uma impossibilidade dessa família mudar o seu destino, pois já havia uma profecia traçada, inicialmente indecifrável, que se tornou uma força encriptada no inconsciente, que agia como um impulso para a repetição sintomática que se perpetua nas gerações (Kaes, 2001). O tema que remete a um destino que torna as pessoas passivas frente suas vidas foi explicado por Lowen (1983), que escreveu que os conteúdos psíquicos recebidos dos pais que não podem ser elaborados e significados é o ponto crucial na construção do destino do caráter neurótico. Para este autor, ser guiado pelo destino é ser escravo de conteúdos inconscientes inomináveis, é estar preso nas corações do caráter e agir sem liberdade, sem consciência.

É interessante observar que é exatamente desta forma que os personagens são descritos nesta ficção: percebe-se que uma sucessão de eventos conduz os personagens na história, como se eles não tivessem responsabilidade ou livre arbítrio sobre suas vidas, tornam-se agentes passivos do destino e de um passado que já fora escrito; em última instância, pode-se alegar que eles fazem parte da rede de transmissão psíquica, ou mais especificamente, do processo de transgeracionalidade, pois carregam dentro de si conteúdos inconscientes advindos de seu passado e que não podem ser elaborados.

É relevante citar que os pergaminhos do cigano sempre estiveram na casa centenária e que alguns integrantes da família tentaram decifrá-los, sem êxito, “não só por incapacidade e inconstância, mas também porque suas tentativas eram prematuras” (p. 364). Ao nos apoiarmos no conceito psicanalítico de transgeracionalidade como sendo a transmissão de objetos amorfos que não encontram espaço para significação e elaboração, podemos fazer uma conexão direta com os pergaminhos guardados no quartinho da casa: assim como os conteúdos transgeracionais ficam guardados dentro do sujeito sem que este consiga dar significado a eles, os escritos do cigano ficaram amontados na casa da família, sem que ninguém os pudesse decifrar.

Anos após sua morte, o fantasma de Melquíades foi encontrado na casa centenária por Aureliano Segundo, que o “reconheceu imediatamente, porque aquela lembrança hereditária se havia transmitido de geração em geração e tinha chegado a ele partindo da memória de seu avô” (p. 168). Aureliano Segundo perguntou ao cigano sobre os conteúdos dos pergaminhos, mas este se negou a traduzi-los: “‘Ninguém deve conhecer sua mensagem enquanto não se passarem cem anos’, explicou.” (p. 168).

Observamos neste ponto uma correlação entre o Oráculo de Delphos e o cigano corpulento: ambos detinham o conhecimento do futuro de uma família, porém aquele foi capaz de proferir o conteúdo quando questionado, enquanto Melquíades se negou a fazê-lo. Nas duas situações, ficamos diante de um segredo, pois a mentira (e o segredo) da verdadeira identidade de Édipo levou a profecia a se realizar e a omissão (e o segredo) dos pergaminhos de Melquíades também impediu que algum integrante da família Buendía pudesse alterar seu destino. O segredo, os fantasmas, em suma, os significantes enigmáticos que circulam por toda obra são pertencentes uma engrenagem que não se pode alterar, pois está vinculada a roda da transgeracionalidade.

Porém, curiosamente, entre tantos conteúdos transmitidos e recebidos, há apenas uma característica pertencente a primeira geração que não foi transmitida a nenhum outro descendente até a penúltima geração: a fortaleza encontrada no caráter de Úrsula. Essa parece ser a única personagem que consegue manter algum nível de diferenciação egóica com seus descendentes, uma vez que apenas ela, em cem anos, foi a única a conseguir observar, significar e elaborar o fato de que os padrões de sua família se repetiam com o passar dos anos. Os outros personagens apenas se movem em suas vidas alienados desse padrão repetitivo, condição que favorece e potencializa a formação da cripta e do destino sintomático. Então, na sexta geração, Amaranta Úrsula parece herdar as características da matriarca: *“Tinha o corpo miúdo, o cabelo solto e comprido e olhos vivos que Úrsula tivera em sua idade, e a forma como se despedia sem chorar, mas também sem sorrir, revelava a mesma força de seu caráter”*. (p. 310).

Amaranta Úrsula, com essa força herdada, separa-se de seu marido (que não amava) e envolve-se com Aureliano Babilônia, seu sobrinho, e dá a luz, pela primeira vez em cem anos, a um filho concebido com amor, mas que ainda carregava em si as características de seus antepassados:

*“Amaranta Úrsula viu que era um Buendía dos grandes, socado e voluntarioso como os Josés Arcádios, com os olhos abertos e clarividentes dos Aurelianos, e predisposto a começar a estirpe outra vez do princípio e purificá-la dos seus vícios perniciosos e da sua vocação solitária, porque era o único em um século que tinha sido engendrado com amor”*. (p. 360)

Mas este menino, chamado Aureliano, que poderia purificar e reiniciar a estirpe por ter sido concebido com amor (tema que está relacionado com o funcionamento e transmissão do núcleo psicótico, explorando no início deste capítulo), nasceu com o rabo de porco, sendo assim depositário da maldição lograda no início de sua árvore genealógica. Amaranta Úrsula morre após o parto e Aureliano Babilônia *“teve consciência de que era incapaz de aguentar sobre a sua alma o peso esmagador de tanta coisa acontecida”* (p. 362). É neste momento então que ele consegue desvendar os pergaminhos de Melquíades escritos há cem anos.

Durante todo o romance, nem o leitor e nem os personagens sabem da existência de uma profecia e o conteúdo dos pergaminhos é revelado apenas nas últimas páginas do livro: estes proferem sobre um animal mitológico (o menino com rabo de porco) que iria por fim a estirpe e enunciam que “o primeiro da estirpe está amarrado a uma árvore e o último está sendo devorado pelas formigas” (p.363). Nesta cena, Aureliano Babilônia, pai do último Buendía, assiste seu filho, como uma pelanca inchada e ressecada, ser levado pelas formigas e o leitor se remete ao patriarca José Arcadio Buendía amarrado em uma árvore ao final da sua vida.

Aureliano Babilônia lê e presencia a destruição de Macondo e então entende que aquele é o fim do vilarejo e dele próprio. A profecia final se cumpre: os Buendías serão apagados da memória dos homens, pois “as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a terra”. (p. 364).

O término desta obra, com o cumprimento de uma profecia que só foi revelada no mesmo momento em que foi realizada, nos abre algumas possibilidades de interpretações e articulações entre as teorias e o romance e destacamos como a principal delas é o fato de que a hereditariedade e a transmissão de conteúdos psíquicos, principalmente a transgeracional, exercem uma enorme força na constituição (estrutura egóica) e por consequência, na construção do caráter do sujeito.

A estirpe se extingue com um bebê morto, que foi inconscientemente eleito para ser aquele em que a cripta se romperia – ele tinha o rabo de porco. Mas talvez, possamos inferir que todos os personagens da história, tal como último Aureliano, foram comidos por formigas ao serem despedaçados por uma história que não lhes eram pertencentes; todos, de alguma forma, foram bebês mortos, pois ao se depararem com o desespero em seu meio, de alguma forma, morreram por dentro. Esta é a força propulsora da transmissão, a violenta e perigosa armadilha colocada nos destinos de todos que vivem sobre a Terra.

### **No fim... Tudo é realidade. A vida imita a arte, a arte inspira a clínica.**

Podemos concluir que a transmissão de conteúdos psíquicos entre gerações é uma peça chave do processo de construção do caráter e acrescenta-se ao campo das teorias corporais não só a importância da transmissão intergeracional, mas principalmente a da transgeracional: com base na análise conceitual realizada, afirmamos que o sujeito se constitui (primeiro egóicamente e em seguida através de seu caráter) a partir de conteúdos herdados e transmitidos por seus antepassados e que não podem ser elaborados, e por tanto, distinguidos de seu próprio self. É o que acontece com o embrião que se afeta com a carga orgnótica materna, com a criança que defronta o negativo no Complexo de

Édipo, com o indivíduo que carrega em si as mesmas características corporais na forma de encorajamentos e fluxos energéticos de seus avós e pais.

É importante ressaltar que as teorias psicocorporais ampliam os cenários em que podemos pensar a transmissão transgeracional ao agregar o corpo na análise, pois o corpo oferece abertura para vislumbrar o inconsciente por trás dos músculos cronificados, o tom de pele, o brilho dos olhos, a tonalidade da voz. As técnicas das psicoterapias corporais colaboram para que o sujeito perceba suas estases, suas couraças, e consiga flexibilizar algumas dessas amarras que tornam sua vida neurótica; entende-se que a técnica bioenergética pode ajudar o indivíduo a ficar mais grounding em sua própria história, mesmo que essa seja transpassada pelas de tantos outros.

Os temas de estudo presentes neste trabalho foram vinculados ao romance *Cem Anos de Solidão*, que absorveu nossas investigações e auxiliou a concretizar o raciocínio sobre a transmissão geracional a partir da análise de uma narrativa literária que traça a saga de uma família através das gerações. A partir desta obra, percebemos como uma profecia regeu o caminho da estirpe dos Buendias e sua analogia com o conceito de destino encontrado na produção bioenergética, assim como a predição da maldição que os filhos de casais com relações incestuosas sofriam está relacionada com teoria do tabu psicanalítica. Constatamos também a falta de espaço subjetivo entre os personagens, dado, por exemplo, a repetição dos nomes e foi explorada também a transmissão transgeracional de traços psicóticos através de uma cripta e sua relação com a solidão oriunda a todos os personagens da trama. Podemos verificar assim que a transmissão da solidão (e da loucura) faz parte da constituição do ego de cada personagem, que irá moldar seu caráter a partir dessas heranças recebidas.

Assim, confirmamos a hipótese inicial de que há transmissão transgeracional na construção do caráter e com isso abrem-se outras possibilidades de estudos acerca deste tema, tais como: é possível aprofundar os recursos técnicos (como exercícios mais direcionados para explorar a temática da transgeracionalidade) para auxiliar o terapeuta no setting? Como vincular a teoria sistêmica ou a teoria do apego com todo o trabalho exposto até este momento? Considera-se necessário desenvolver e ampliar a vinculação entre a teoria da transgeracionalidade com a bioenergética, pois, como já apontado anteriormente, não foi encontrado material organizado sobre este assunto e seria de grande valia que tal estudo tivesse continuidade, dado sua importância na constituição do sujeito e seu caráter.

Por fim, entendemos que, se a vida imita a arte, podemos transportar nossas descobertas para o mundo real, com os nossos pacientes. Sabemos que este romance faz parte de um estilo literário denominado realismo fantástico (ou realismo mágico) e sobre isso o próprio Gabriel Garcia Márquez disse certa vez em entrevista: "é só realismo. A realidade que é mágica. Não invento nada. Não há uma

linha nos meus livros que não seja realidade. Não tenho imaginação"<sup>1</sup>. Durante o percurso deste trabalho, pessoalmente, foi possível desvendar e compreender a realidade apresentada por este sábio senhor em forma de literatura: foram muitas as dores, as histórias, lágrimas, as perdas, muitos Buendías, muitos Parras, muita realidade para se configurar em concreto somente. Afinal, como terapeutas, lidamos com a alma dos pacientes e não há nada mais que se possa ser definido com tanta plenitude como “realismo fantástico” do que a alma humana; por isso, concordamos com Gabo: “No fim, é tudo realidade”.

## Referências

ENRIQUEZ, M. O delírio como herança. In R. Kaës, H. Faimberg, M. Enriquez & J.J. Baranes, *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 95- 127.

KAËS, R. Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud. In: R. Kaës, H. Faimberg, M. Enriquez & J.J. Baranes, *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 27- 69

LOWEN, A. *O corpo em terapia – a abordagem bioenergética*. São Paulo: Summus, 1977.

\_\_\_\_\_. *Medo da Vida: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo*. São Paulo: Summus, 1986.

MARQUEZ, G.G. *Cem anos de Solidão*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1970.

NAVARRO, F. *Caracteriologia pós-reichiana*. São Paulo: Summus, 1995.

REICH, W. *A função do Orgasmo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1976. (Trabalho original publicado em 1942).

\_\_\_\_\_. *Análise do Caráter* ( 3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Trabalho original publicado em 1948)

TONELLA, G. *Terapia Psicocorporal e Psicose*, 2006. Disponível em: [http://www.cfab.info/attachments/139\\_Tonella\\_Terapia\\_e\\_Psicose\\_2006\\_PT.pdf](http://www.cfab.info/attachments/139_Tonella_Terapia_e_Psicose_2006_PT.pdf).

Recebido em 10/05/2016

Aceito em: 29/05/2016

<sup>1</sup>Matéria sobre o falecimento do Gabriel Garcia Márquez, publicada no Portal Globo e disponível no endereço: <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2014/04/gabriel-garcia-marquez-revelou-para-o-mundo-o-realismo-fantastico.html>